



CCB

NATUREZA FANTASMA

DE MARCO MARTINS
COM FERNANDA FRAGATEIRO,
GONÇALO M. TAVARES
E COMPANHIA MAIOR

Todos os anos, desde que a Companhia Maior foi criada em 2010, é endereçado um convite a um artista ou coletivo para criar um espetáculo. Em 2020, o artista convidado foi Marco Martins.

Perante a impossibilidade trazida pela pandemia de trabalhar com o elenco da companhia numa peça para palco, Marco Martins, em colaboração com Fernanda Fragateiro e Gonçalo M. Tavares, criou *Natureza Fantasma*. Uma instalação multidisciplinar que parte das imagens dos velhos álbuns de família dos seus intérpretes e de longas entrevistas incidindo sobre a forma como as imagens domésticas fixam e condicionam a nossa memória, num constante paradoxo entre um testemunho vivo e um tempo estacionário, vida mantida e morte adiada. Imagens que convocam a infância, a morte, o passado ultrapassado, um tempo concluído e imóvel, mas também captação de vida, tempo suspenso, o passado presente e a surpresa.



FANTASMA

A nossa relação com a memória é sempre desenhada a partir de espectros, de sombras que assolam o presente de forma mais ou menos insidiosa.

Começando de novo:

A nossa relação connosco é produzida a partir de espectros que sobem, como uma fina humidade, pelo nosso corpo a partir do chão, de um chão qualquer que, também ele, nos chama como uma memória.

Outra vez, ainda:

A nossa relação com o nosso corpo assenta, pesada, sobre os nossos pés por onde descem, em direção ao solo, espectros de todos os gestos que já fizemos ou que nos afetaram.

A relação com a memória é a matéria do trabalho que Marco Martins realizou com a Companhia Maior e que marca um final de ciclo na relação com o CCB, após 10 produções ao longo de mais de uma década. Realizada durante o período da pandemia, a obra filmica consiste numa instalação concebida com a colaboração da artista plástica Fernanda Fragateiro e do escritor Gonçalo M. Tavares, uma situação imersiva na qual o espectador é convidado a entrar e deambular.

A deambulação é parte integrante da escolha de Marco Martins, na medida em que a opção por um espaço que, na sua utilização quotidiana, é um depósito, ou um armazém, implica um determinado tom, uma certa vibração: por um lado, é um lugar sem história, pelo menos sem H maiúsculo, um recetáculo de coisas, arrumadas, por vezes catalogadas; por outro lado, um depósito é um lugar de memórias para todos os que, com aqueles objetos, num qualquer tempo se cruzaram: a cadeira daquele lugar, aquele adereço, o mobiliário desenhado por Daciano da Costa para aquela sala. Ora é esta ambiência que foi escolhida para a apresentação do cinema expandido de Marco Martins com a Companhia Maior. Mas a escolha pelo formato da instalação implica, sobretudo, que as obras

de arte e o espectador, ao contrário do que acontece em qualquer espetáculo, partilham o mesmo espaço (e não estão separados entre «espaço de ver» e «espaço de representar») e solicitam ao espectador que se desloque, que deambule, podendo voltar atrás, inverter o tempo da narrativa para ver de novo, ou decidir não ver e passar adiante.

Para compreendermos rapidamente do que estamos a falar, numa descrição simples, a instalação é composta por um conjunto de filmes projetados, por uma instalação escultórica de colunas, concebida por Fernanda Fragateiro, como árvores feitas com andaimes, que suportam sistemas que difundem vozes e outros sons, objetos, *memorabilia* e imagens fotográficas. E textos, de Gonçalo M. Tavares, que fazem falar as imagens, e nelas nos mergulham. Estas situações estão colocadas ao longo de um percurso cujo ritmo de fruição só é ditado pela vontade de quem vê. Não é, portanto, um espetáculo, ou seja, uma situação com uma determinada duração, mas a criação de simultaneidades. Há filmes em que gestos, palavras, lugares e sons contribuem para, no seu conjunto, configurar um acontecimento, sons e objetos que se sucedem num mesmo espaço e tempo, mas que nunca, por ninguém, são vistos (ou ouvidos, ou fruídos, em sentido geral) ao mesmo tempo. É, portanto, uma simultaneidade em permanentes e múltiplos diferidos.

Nesse sentido, a instalação que a Companhia Maior nos traz é uma poderosa materialização da memória e da forma como esta opera: em repetições, recorrências e contradições, visível sob múltiplos pontos de vista e sempre traduzida, seja por palavras dos seus protagonistas, seja por palavras de outros, ou pelas traições da nossa capacidade de rememoração. *Traduttore, traditore*, é como a memória funciona, sempre a traduzir, por palavras e por atos, por repetições de gestos e estórias, os mesmos momentos, com os mesmos pais, as mesmas mães, os mesmos tiques e esgares, as mesmas partidas e as mesmas faltas, as mesmas imagens, por vezes poderosas como coisas físicas, que podem mesmo doer no corpo, esse desgraçado sem outro destino senão fingir que é, também ele, espírito.

E, por isso, a natureza da memória é sempre fantasmática.

Esta condição fantasmática é, portanto, também física. Algumas pessoas, em resultado da amputação de um membro, sentem (literalmente) sensações, comichões, dores, por vezes de forma insuportável ou excruciante no lugar onde o membro deveria estar – e não está. Esta condição do membro-fantasma é uma poderosa metáfora para podermos pensar a memória como o nosso permanente membro-fantasma, ou, se alguma natureza tivermos, ser ela também natureza-fantasma: como se cura a dor do que já não existe, mas está lá, sob a condição espectral? Sobre os indivíduos, mas também sobre as comunidades: imaginemos as situações traumáticas inerentes à herança colonial, à escravatura, ou à extrema dominação que continuam a produzir efeitos «fantasma», porque agem a partir de situações que já não existem. Como poderão ser tratados se as situações que lhes estão na origem já não existem faticamente e, portanto, não podem ser corrigidas porque não se pode corrigir o passado? A terapia social para o fantasma colonial não se resolve acabando com o colonialismo porque, em sentido próprio, este já não existe, mas a dor persiste.

A dor persiste, como também a esperança da sua redenção, auspiciosa ou violenta. Ou só insidiosa. Em todos, como em cada um de nós.

Resta-nos agradecer à Companhia Maior o facto de se ter querido reinventar uma vez mais, a Marco Martins, Fernanda Fragateiro e Gonçalo M. Tavares terem imaginado o fantasma e a todos aqueles que fizeram com que este projeto tenha, em tempos em que mais um (ou vários) espectro(s) assola(m) a Europa, sido possível.

DELFIN SARDO
ADMINISTRADOR DO CCB





PASSAR AO FUTURO

Natureza Fantasma é um marco de mudança e celebração para a Companhia Maior e começamos por declarar um elogio a todos os que nele participam.

A Companhia Maior completou em 2020 dez anos de atividade, comportando um rico historial de encontros com artistas da dança e do teatro que resultaram em dez espectáculos originais estreados no CCB, co-produtor essencial deste percurso. Fundada em 2010, por iniciativa de Luísa Taveira, a companhia é um caso único em Portugal que valoriza o contributo da idade maior para temáticas, linguagens e reflexões nas artes performativas e na contemporaneidade.

Convidado para a nova criação em 2020, Marco Martins viveu connosco um ano inesperado de suspensão para as atividades culturais e sociais no mundo inteiro. O processo criativo e proposta de exibição de *Natureza Fantasma* são fruto do encontro do criador com o elenco e da resposta dos artistas à pandemia do novo coronavírus, numa conjuntura de isolamento, doença e recessão económica, à qual as pessoas mais velhas são extremamente vulneráveis.

Em 2021, iniciámos um processo inédito para a companhia; o que se imaginou ser um espectáculo teatral ao vivo foi re-conceptualizado para uma instalação fílmica, com forte dimensão plástica de espaço sonoro e visual. Pela primeira vez, a Companhia Maior apresenta-se fora do palco e a presença performativa concretiza-se na mediação tecnológica e assíncrona.

Ensaios e filmagens foram drasticamente condicionados por exigentes protocolos de isolamento profilático, lotação reduzida dos espaços, deslocações limitadas e testagem de equipas. Os intérpretes da companhia começaram por partilhar memórias de infância e registos de tempos remotos em encontros individuais, também remotos, e o trabalho presencial aconteceu em estúdio, em grupos, e durante a rotação num tempo condensado e irrepetível.

Os bailarinos e actores da companhia, com média de idades entre 60 e 80 anos, adaptaram-se admiravelmente a uma experiência exigente de literacia digital, fragmentação e rapidez, num horizonte de incerteza. Neste regresso à vida activa, a sua disponibilidade para estar, experimentar, dar e rir foi comovente e inspiradora. Ao Marco e à sua equipa, deixamos um profundo agradecimento pela persistência na procura de um caminho no escuro, valorizando todas as particularidades e possibilidades da revelação no virtual.

A DIRECÇÃO DA COMPANHIA MAIOR

Texto escrito segundo o antigo acordo ortográfico





LUZ E FOGO

1.

A memória é uma forma de o cérebro colocar imagens na cabeça que não existem cá fora – e perder a memória é um incêndio algures no nosso sótão mais privado – e as imagens, já sabemos, são bem inflamáveis. As palavras ardem a uma temperatura, as imagens a uma outra – talvez mais baixa, talvez mais alta, não sabemos. Estudemos, pois, quem perde a memória; o que perde primeiro: palavras ou imagens?

Sabemos que as canções ficam quase sempre para último, como a definitiva resistência – mas as canções não são palavras, são palavras com certo ritmo; são palavras elevadas a um qualquer estado aéreo que as faz aproximar mais do céu que da terra. As canções, que os elementos da Companhia Maior cantam, ficarão na nossa memória e não sairão tão cedo, isso é evidente e é apenas um exemplo.

A música é talvez o que fica, mesmo em bailarinos: como num incêndio onde tudo o que é material é destruído, mas das cinzas vem um som, uma canção.

É isso perder a memória, das cinzas vem um som. E muitas vezes esse som é uma canção de infância.

E assim definimos rapidamente aqui uma regra: são as canções de infância que melhor resistem aos incêndios.

O fogo não destrói o som. E isso tem de ser repetido: o fogo não destrói o som.

2.

A infância é evidentemente um sítio onde o nosso corpo estava como quem está no estrangeiro. Pode ser um feliz país estrangeiro ou um infeliz país estrangeiro, mas sim, nenhuma criança conhece as palavras dessa língua – e um adulto ainda menos.

3.

Perder a memória como quem está diante do último incêndio no sótão dos pais.

E diga-se rapidamente: a morte dos pais é isso: o incêndio principal. Com a morte dos pais, vai esse armazém afectivo para o céu ou para a terra ou directamente para um local, no corpo do filho, onde a vida choca de frente com os seus limites.

4.

E as fotografias são memória em película.

Quando pegas na tua memória com as mãos podes queimar-te.

As fotografias são feitas em parte de fogo, isso é evidente.

As imagens que vemos nesta exposição confirmam isso.

Cuidado com as mãos.

5.

O século XX ficou técnico dos pés à cabeça e o que, em muitos séculos, era memória em desenho e escrita bateu de frente com essa revolução.

Até ao final do século XIX, as mãos faziam objectos e memória – quando escreviam e desenhavam; mas agora parece bastar um dedo fazer o gesto mais simples e uma pequena pressão.

Só um completo desastrado de dedos não consegue, no século XXI, tirar uma fotografia ao seu pai ou ao seu filho. A família, a memória e a tecnologia, eis três palavras que se aproximaram muito – talvez demasiado – nos últimos anos.

6.

A máquina apoderou-se, portanto, da memória – e a fotografia introduziu uma tristeza técnica que antes não existia.

A tristeza a que um quadro tem acesso não é da mesma dimensão da tristeza a que se acede por via de uma fotografia.

Na imagem captada pela técnica, há a sensação de um momento que se perde para sempre e que na pintura, no desenho ou na escrita não existe da mesma maneira.

O realismo introduzido pela imagem técnica coloca o coração do memorioso em evidentes apuros.

Nunca somos nós na fotografia: na fotografia somos um familiar defunto de nós próprios. Só não choramos sempre que vemos uma fotografia nossa por distração ou pudor. Agora e na hora da nossa morte.

7.

A fotografia de há cinquenta anos de um dos elementos da Companhia Maior é também, então, a fotografia de um familiar que morreu – um familiar bem próximo, o mais próximo que existe, aliás. Mas como designar este familiar que está na fotografia e que sou eu, afinal, anos atrás? Não é o meu irmão mais velho ou mais novo, não é o meu pai nem o meu filho, sou eu, mas claro que não sou eu. Eu já não sou o que fui – e as formas verbais da linguagem ensinam o possível ao portador afectivo dessa linguagem – e tenho aquilo que fui nas minhas mãos quando pego numa fotografia.

8.

O elenco Companhia Maior aí está, cada um sentado diante do tempo, em dissecação continuada ou saltada. Que fez e viu o meu corpo enquanto era novo e o que desse percurso ficou no exterior?

As imagens recuperam a sua origem, essa câmara escura que roubava luz e figuras da realidade e no início as virava de cabeça para baixo. E sim, a memória é também um acto manual: há nela imagens de cabeça para baixo, outras tortas ou deformadas, imagens que perderam a parte de cima ou os pés, imagens que perdem a cabeça, literalmente ou de modo metafórico.

9.

Uma imagem que perdeu a cabeça não é necessariamente uma fotografia de fotógrafo desastrado que faz retratos do pescoço para baixo como se o rosto fosse um segredo. Uma imagem que perde a cabeça pode ser também uma imagem alucinada, uma imagem com luz vinda de demasiadas direcções – a alucinação é isso: uma luz distinta e imprevista.

10.

Cegueira como forma de cortar a recepção da luz exterior e assumir que, a partir dali, todas as imagens são memória ou invenção, mas internas e privadas.

É sempre um trabalho de cegueira, a memória; só de olhos vendados quem vê pode recordar.

11.

Comovo-me com esta projecção de uma luz que ainda existe embora a sua origem já tenha desaparecido. O corpo desapareceu mas ficou uma certa forma bela e antiga de interromper o escuro.

12.

Cada biografia é uma história, e as imagens que vamos tendo dessa história são paragens, pousadas onde os olhos um dia pararam. Se a vida é uma narrativa em filme e se, no limite, poderíamos ter a vida inteira filmada, desde o momento de nascimento ao momento da morte, então a fotografia será um *frame* sim, mas também uma interrupção, uma paragem: a abrupta suspensão do cinema real.

13.

Voltemos ao fogo, e terminemos com ele.

O arquivo fotográfico pessoal não é sólido nem líquido, é puro fogo: material capaz de queimar os dedos. As fotografias estão ao lume, e não podes pegar nelas antes de arrefecerem. Como arrefecem as nossas imagens biográficas? O tempo diminui a temperatura perigosa das coisas,

mas algumas coisas são indiferentes ao tempo, já o sabemos. Há fotografias que, a cada ano, se tornam mais febris, mais intoleráveis, mais inimigas da mão que as queira ter e dos olhos que as queiram ver.

14.

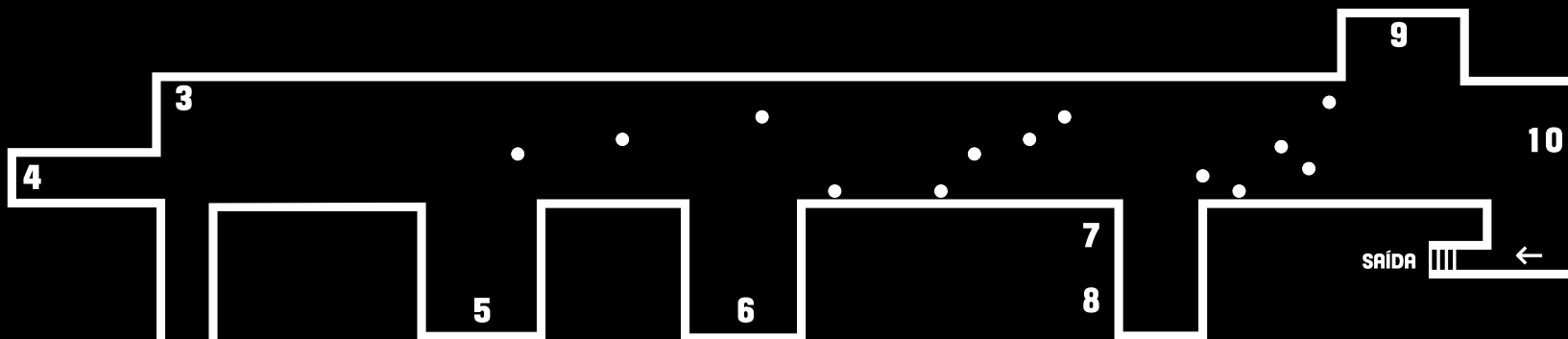
Em *Natureza Fantasma*, de Marco Martins, estamos diante de objectos demasiado luminosos para se poder manter sempre, diante deles, os olhos bem abertos; e estamos perto também de objectos em estado de fervura que levam demasiado tempo a chegar a essas temperaturas benignas para as mãos impacientes que todos temos.

Ver e tocar deveria ser sempre correr o risco de cegueira ou queimadura; aqui é.

GONÇALO M. TAVARES

O autor escreve segundo o antigo acordo ortográfico





1. EPISTEMOLOGIA DO ESQUECIMENTO (1945-2021)

SLIDES A PARTIR DA DIGITALIZAÇÃO DOS ÁLBUNS DE FAMÍLIA DO ELENCO. PROJEÇÃO SOBRE PAREDE BRANCA. DURAÇÃO APROXIMADA: 10' (LOOP)

2. PRUMOS (2021)

CATORZE PRUMOS PINTADOS DE BRANCO, COM COLUNA DE SOM (LOOP)

3. HOME MOVIES (c. 1926)

FILMES 9,5 mm, PB, DO ARQUIVO PESSOAL DO AVÔ DE PAULA BÁRCIA (SEM SOM) ARQUIVO - JARDIM ZOOLOGICO, CASCAIS - PRAIA DO GUINCHO E PASSEIO DO PESSOAL DA FÁBRICA A FERREIRA EM BELAS, EM DEPÓSITO NA CINEMATECA PORTUGUESA / MUSEU DO CINEMA PROJEÇÃO DIGITAL HD SOBRE PAREDE BRANCA DURAÇÃO: 7' (LOOP)

4. RETRATOS 1 SIMULTANEIDADE (2021)

16 mm, PB PROJEÇÃO DIGITAL HD MULTICANAL SOBRE PAREDE BRANCA (SEM SOM) DURAÇÃO APROXIMADA: 3' (LOOP)

5. TAXIDERMIA NATUREZA FANTASMA (2021)

16 mm, PB E COR ARQUIVO - IMAGENS ADICIONAIS DE IMAGENS DE PORTUGAL 122, CINEMATECA PORTUGUESA / MUSEU DO CINEMA PROJEÇÃO DIGITAL HD SOBRE ECRÃ (STEREO) DURAÇÃO APROXIMADA: 4'33"

6. CINEMA FILME DE GÉNERO (2021)

16 mm, PB ARQUIVO - IMAGENS ADICIONAIS DE LA TARANTA, GIANFRANCO MINGOZZI (1962), GENTILMENTE CEDIDAS PROJEÇÃO DIGITAL HD SOBRE ECRÃ (STEREO) DURAÇÃO: 7'45"

7. RETRATOS 2 LUZ (2021)

16 mm, PB PROJEÇÃO DIGITAL HD SOBRE ECRÃ DURAÇÃO APROXIMADA: 4' (LOOP)

8. ASSOMBRO (2021)

16 mm, PB PROJEÇÃO DIGITAL HD SOBRE ECRÃ DURAÇÃO: 1'50"

9. REMAKE DOBRAGEM E MEMÓRIA [ESTUDOS] (2021)

DOBRAGEM A PARTIR DE EXCERTOS DAS ENTREVISTAS AO ELENCO DIGITAL 2K, COR PROJEÇÃO DIGITAL HD MULTICANAL DURAÇÃO APROXIMADA: 11'

10. TERMINAL DE DEPÓSITO

DIGITAL 2K, COR PROJEÇÃO DIGITAL HD SOBRE ECRÃ DURAÇÃO APROXIMADA: 9' (LOOP)

ENTRADA

SAÍDA

**NATUREZA
FANTASMA**

**COMPANHIA
MAIOR**

FILME

ARTWORKS

**ATELIER
FERNANDA
FRAGATEIRO**

DE
MARCO MARTINS

ESCULTURA / ESPAÇO CÉNICO
FERNANDA FRAGATEIRO

TEXTO
**GONÇALO M. TAVARES
MARCO MARTINS**

ELENCO / COMPANHIA MAIOR
**ANGELINA MATEUS
CARLOS FERNANDES
CARLOS NERY
CATARINA RICO
CRISTINA GONÇALVES
EDMUNDO SARDINHA
ELISA WORM
ISABEL SIMÕES
JOÃO SILVESTRE
KIMBERLEY RIBEIRO
MANUELA DE SOUSA RAMA
MARIA HELENA FALÉ
MICHEL
PAULA BÁRCIA**

CONSULTORIA TÉCNICA
/ MONTAGEM / DESENHO DE SOM
JOÃO FERRO MARTINS

DIGITALIZAÇÃO
/ TRATAMENTO DE ARQUIVO
BLUES PHOTOGRAPHY STUDIO

SOM
RAFAEL CARDOSO

MOVIMENTO
**CLÁUDIA NÓVOA
VÂNIA ROVISCO**

ASSISTÊNCIA DE ENCENAÇÃO
RITA QUELHAS

ADMINISTRAÇÃO ARENA
MARTA DELGADO MARTINS

ASSISTÊNCIA DE PRODUÇÃO
MAFALDA TELES

DIREÇÃO DE PRODUÇÃO
MARIANA BRANDÃO

DIREÇÃO
**MIGUEL HONRADO
PAULA VARANDA
SUSANA MARTINHO LOPES**

COORDENAÇÃO
EXECUTIVA
BEATRIZ JARMELA

CONSULTORIA
DE COMUNICAÇÃO
**INÉS LAMPREIA
SOFIA BATISTA**

REALIZAÇÃO
MARCO MARTINS
ELENCO
COMPANHIA MAIOR
**ANGELINA MATEUS
CARLOS FERNANDES
CARLOS NERY
CATARINA RICO
CRISTINA GONÇALVES
EDMUNDO SARDINHA
ELISA WORM
ISABEL SIMÕES
JOÃO SILVESTRE
KIMBERLEY RIBEIRO
MARIA HELENA FALÉ
MICHEL
PAULA BÁRCIA**
PARTICIPAÇÃO
**EMA ARAÚJO
ÉRICA SANTOS
JOÃO VASCO BETTENCOURT VIEIRA
JOÃO PEDRO MILLER GUERRA
LAURA CEPEDA
LEONARDO DELGADO MARTINS
MANUEL VITERBO BRANDÃO SARDO
MELANIE NEVES
MIA DEWART MELO
STEFAN GOMES**

DIREÇÃO DE FOTOGRAFIA
**CARLOS LOPES (KÁKÁ)
LISA PERSSON
MARCO MARTINS**

PRIMEIRO ASSISTENTE
DE CÂMARA
LISA PERSSON

SEGUNDO ASSISTENTE
DE CÂMARA
JOÃO PORTO

ASSISTÊNCIA
DE REALIZAÇÃO
TERESA MATA
CHEFE MAQUINISTA
ROSA VALE CARDOSO
CHEFE ELETRICISTA
SÉRGIO CAÇOILLO

SOM
BERNARDO THERIAGA
ASSISTENTE DE IMAGEM
TOMÁS VIEIRA
GUARDA-ROUPA
ISABEL CARMONA
ASSISTÊNCIA
DE GUARDA-ROUPA
MARIANA LOURENÇO
MAQUILHAGEM / CABELOS
NANI

ASSISTÊNCIA
DE MAQUILHAGEM
ANA ROMA

ASSISTÊNCIA DE CABELOS
MARISA MARQUES

TAXIDERMIA
MUHNAC
PEDRO ANDRADE

CORRECÇÃO DE COR
MÁRIO GASPAR

MONTAGEM
**LEONOR TELES
RITA QUELHAS**

COORDENAÇÃO
PÓS-PRODUÇÃO
CATARINA LINO

ASSISTÊNCIA
DE PRODUÇÃO
FILIPA FALCÃO
COORDENAÇÃO
DE PRODUÇÃO
JOANA VAZ DA SILVA

DIRETOR
JOSÉ MIGUEL PINTO
COORDENADORA ARTÍSTICA
FRANCISCA MARQUES
COORDENADOR DE PRODUÇÃO
VALENTIN NEVES
MESTRE SERRALHEIRO
HÉLDER FERNANDES
SERRALHEIRO
JORGE SANTOS
ASSISTENTE DE PRODUÇÃO
**ANDRÉ COELHO
CARLOS ARTEIRO
PEDRO GRAÇA**

ASSISTENTE DE PROJETO
ANA MARIA TRABULO
COORDENADOR AUDIOVISUAL
BRUNO LANÇA
ADMINISTRADOR ECOSTEEL
JOSÉ MARIA FERREIRA

COLABORADORES
**FILIPA ALFARO
FILIPE MEIRELES**

COPRODUÇÃO

**CENTRO CULTURAL DE BELÉM
TEATRO VIRIATO
COMPANHIA MAIOR
ARENA ENSEMBLE**

**A COMPANHIA MAIOR
É APOIADA PELA
CÂMARA MUNICIPAL DE LISBOA
NO ÂMBITO DO RAAML
E PELA JUNTA DE FREGUESIA DE BELÉM**

APOIOS

ARTWORKS

**CÂMARA MUNICIPAL DE LISBOA
MUDE - MUSEU DO DESIGN E DA MODA**

**CAPC - CÍRCULO DE ARTES PLÁSTICAS
DE COIMBRA**

**CENTRO HOSPITALAR UNIVERSITÁRIO
DE LISBOA CENTRAL**

**CINEMATECA PORTUGUESA
MUSEU DO CINEMA**

**MINISTÉRIO DOS FILMES
MUSEU NACIONAL DE HISTÓRIA NATURAL
E DA CIÊNCIA**

UMA PEDRA NO SAPATO

AGRADECIMENTOS

ANTÓNIO CÂMARA MANUEL

CLÁUDIO TORRES

EQUIPA PERIS COSTUMES

FILIPA REIS

JOÃO MARIA GUSMÃO

JOSÉ LUÍS BORGES COELHO

LUÍS PAVÃO

MARIA JOSÉ PINTO DA COSTA

RAFAEL BARRETO



teatroviriato

COMPANHIA MAIOR



BILHETEIRA ONLINE CCB.PT

CCB / TICKETLINE / INFORMAÇÕES / RESERVAS LINHA 1820

APOIO INSTITUCIONAL



PARCEIRO INSTITUCIONAL



PARCEIRO MEDIA PARA
A TEMPORADA 2020/2021



APOIO MEDIA



Cidade Digital

financiado por:





Lembramos as medidas preventivas Covid-19 neste espaço



Obrigatório
usar máscara



Controlo da
temperatura
Máximo permitido
37,8° C



Higienização
obrigatória
das mãos



Circule
sempre pela
direita



Atenção
tetos muitos
baixos



Cumpra o
distanciamento
social de segurança



Proibido gravar
imagem ou som



Desligue
o telemóvel



Proibido
fumar



Proibido
comer ou beber

#ACulturaéSegura